

Idade média do Senado cai para 55 anos

Marcondes Sampaio
da Editoria Política do Jornal de Brasília

A prevalecerem os resultados das apurações até ontem conhecidos e que indicam como praticamente definida a vitória de 16 senadores pelo MDB e seis pela Arena, a Câmara Alta apresentará, na próxima legislatura, a sua mais jovem composição, desde a redemocratização do país, em 1946, caindo a atual média de idade de 60 para 55 anos.

Nas previsões de uma dinamização das atividades do Senado a partir do próximo ano, somam-se ao dado etário pelo menos três outros fatores: as qualidades oratórias dos futuros senadores Paulo Brossard, Roberto Saturnino e Marcos Freire; a circunstância de a quase totalidade dos novos pertencerem à oposição, naturalmente mais inclinada ao debate, e a previsível tentativa dos eleitos, de, a partir da sua atuação, assumirem uma liderança política destacada e mais autêntica no partido ou mesmo nos estados pelos quais foram eleitos.

OS ORADORES

Ex-deputado estadual e federal, advogado brilhante, Brossard é sempre citado pelos parlamentares do MDB, quando se referem aos pronunciamentos mais significativos, no plano institucional, feitos na legislatura passada. A Roberto Saturnino se atribui o mérito de, ao lado das qualidades políticas que o credenciam para o primeiro time do debate institucional, ser — inclusive como técnico do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico — um profundo conhecedor, e expositor, dos problemas econômicos e sociais do país.

A preocupação revelada na Câmara por Marcos Freire quanto à problemática social e política, abordada em freqüentes e vigorosos pronunciamentos, lhe assegura a participação no trio dos mais expressivos oradores entre os novos, que desta maneira retirarão o senador paulista Franco Montoro de uma posição quase solitária, como o grande responsável pelo maior calor de uma pequena parcela das sessões do Senado nesta legislatura.

Se as aptidões reveladas pela última campanha se confirmarem nas discussões do plenário, Montoro, Brossard, Saturnino e Freire terão a ajuda de outros bons oradores como o amazonense Evandro Carreiro, Gilvan Rocha, Leite Chaves e Itamar Franco.

A perspectiva de uma grande movimentação diante das qualidades demonstradas por estes candidatos já é objeto de comentários e previsões dos Senadores da Arena. O nível desta preocupação pode de certo modo ser dimensionado por uma brincadeira do vice-líder Eurico Rezende que, na ante-sala do gabinete do Senador Petrônio Portela dizia ontem que, para enfrentar uma bancada da Oposição deste nível vai solicitar ao Partido um "adicional de periculosidade".

LIDERANÇA

Dos 16 novos senadores da Oposição, pelo menos cinco entraram na disputa apenas para ajudar o partido, sem maiores ambições ou fazendo da candidatura uma experiência para outras tentativas mais modestas de ingresso na vida pública. Este, segundo deputados paranaenses, é o caso de Francisco Leite Chaves que estimulado pela liderança do seu Partido, teria sido lançado apenas para testar sua popularidade e, baseado nos resultados, disputar a prefeitura de Londrina em 1976.

Funcionário do Banco do Brasil, advogado, nascido na Paraíba, Leite Chaves foi um dos opositoristas eleitos com maior margem de diferença sobre o adversário da Arena — o veterano deputado João Mansur, presidente da Assembléia Legislativa.

Como o novo senador pelo Paraná, vários outros eleitos pelo MDB tentarão, possivelmente, firmar uma liderança, já que suas vitórias seguramente são mais creditáveis ao fenômeno que surpreendeu todo o país neste pleito, do que a outras qualidades ou bases políticas pessoais que não a oratória. Incluem-se também nestas características o sergipano Gilvan Rocha — que dividirá a liderança da Oposição no seu Estado com o futuro deputado José Carlos Teixeira — o amazonense Evandro Carreiro; o goiano Lázaro Barbosa; o potiguar Agenor Maria — que, como suplente, assumiu mandato de deputado federal durante alguns meses — o mineiro Itamar Franco — e mesmo os grandes astros Brossard, Freire e Saturnino. Este último, poderá ocupar, em termos populares, uma liderança no Estado do Rio bem mais dinâmica que a atualmente detida pelo senador Amaral Peixoto.

De todos os novos eleitos pela Oposição, o paulista Orestes Quêrcia foi o único que realizou um grande esforço de conquista das bases partidárias, que alguns entendem que continuará, com vistas a lhe assegurar condições de pleitear a presidência do Diretório Regional do MDB e, possivelmente em 1978, o direito de disputar o governo do Estado.

Se procedentes tais especulações, não há dúvida de que Quêrcia, mesmo com a consagrada votação recebida encontrará pelo menos dois sérios obstáculos: o senador Franco Montoro e o presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães, apontados como dois dos grandes responsáveis pelo êxito da campanha oposicionista.

Como Quêrcia, os demais Senadores do MDB eleitos neste pleito são considerados candidatos naturais aos governos dos seus Estados nas eleições de 1978, que a Constituição diz que serão diretas. Por mais este motivo, podem ser consideradas como das mais acertadas as previsões referentes a uma grande dedicação dos novos senadores que, se lograrem firmar a imagem que levaram ao povo na atual campanha, terão boas possibilidades de, numa rápida carreira política, conquistarem a chefia do Executivo — uma meta que muitos dos que estão deixando o Senado levaram décadas para atingir.

Em resumo: a Câmara Alta, que já foi a aposentadoria política de dezenas de homens públicos brasileiros ou, para alguns, a reserva política da nação, de onde o governo pode retirar os mais capazes e de liderança confirmada para importantes funções do Executivo, parece encontrar nova e paradoxal destinação para uma casa de atual maioria sexagenária: a de formar líderes.

ASIDADES

A redução da idade média dos senadores na próxima legislatura para 55 anos se dará em decorrência da eleição de dois senadores na casa dos 30 anos — Orestes Quêrcia e Lázaro Barbosa, ambos com 36, e Evandro Carreiro, com 38 — os quarentões Itamar Franco (42); Roberto Saturnino (42); Evelásio Vieira (43); Gilvan Rocha (42); Mauro Benevides (44); Marcos Freire (44); Agenor Maria (47) e Leite Chaves (48). Brossard e Antônio Canalle têm 50 anos. Os três sexagenários são Dirceu Cardoso (61 anos); Henrique

La Roque (Arena-MA), com 62 e Luis Vianna Vilho (Arena-BA), com 66 anos.

Apenas na Arena ocorrerá caso de novos senadores mais velhos do que os antigos que estão sendo substituídos: Luis Viana entrará no lugar de Antônio Fernandes e La Roque, no lugar de Clodomir Millet.

Ou porque já praticamente derrotados ou porque não foram candidatos deixarão o Senado ainda os septuagenários Celso Ramos (77 anos); Leandro Maciel (77); João Cleofas (75); Paulo Torres (71); os sexagenários Carvalho Pinto (64); Waldemar de Alcântara; Guido Mondin (62); Luis de Barros (61); Flávio de Brito (60). Na faixa dos 50 anos: Leoni Mendonça (58); Itálio Coelho (58); Otávio César (que assumiu no lugar de Ney Braga), 57 anos.

Estado por Estado, a constituição da futura Câmara:

	MDB	ARENA
Acre	2	1
Amazonas	1	3
Pará	2	5
Maranhão	2	7
Piauí	2	6
Ceará	4	11
R. G. do Norte	3	5
Paraíba	5	6
Pernambuco	7	11
Alagoas	2	5
Sergipe	2	3
Bahia	5	22
Espírito Santo	4	4
Rio de Janeiro	15	9
Guanabara	18	6
São Paulo	31	17
Paraná	16	14
Santa Catarina	7	10
R. G. do Sul	19	11
Mato Grosso	1	7
Goias	6	6
Minas Gerais	14	24
Rondônia	1	—
Roraima	—	1
Amapá	1	—
TOTAL	172	192

O MDB deve fazer, no máximo, 174 deputados, faltando 9 para alcançar a maioria, neste caso.